

Tradição e mudança na teoria psicanalítica¹

Inquirições sobre o infantil

Stephen Seligman,² Califórnia

Resumo: O autor examina a teorização psicanalítica tradicional sobre a primeira infância e o infantil, com especial atenção à sexualidade infantil. Para isso, considera as teorias da psicologia do ego, de Melanie Klein e de Jean Laplanche. Conclui apontando que todo ser humano precisa de algo a que se agarrar, mas que, paradoxalmente, agarrar-se com menos afínco às teorias pode tornar tudo mais fácil.

Palavras-chave: teoria psicanalítica, sexualidade infantil, psicologia do ego, Melanie Klein, Jean Laplanche

Quero agradecer ao Comitê de Programação pelo convite para falar sobre teoria. A teoria é um de nossos recursos mais generativos. Também é a expressão de certa resistência a mudanças, seja para melhor ou para pior. Hoje, examinarei a teorização psicanalítica tradicional sobre a primeira infância [ou lactância] e o infantil, com atenção especial à sexualidade infantil. A partir de seus *Três ensaios* (1905/1953), as inovações profundas e radicais de Freud foram generativas, embora tenham trazido também algumas confusões e contradições. Espero poder inspirar uma discussão sobre como o reposicionamento – ou mesmo o descarte – de ideias tradicionais pode abrir nosso pensamento e nos permitir acessar novas perspectivas.

O tema “Sexualidade, agressividade, trauma” reflete a contínua centralidade das teorias das pulsões na psicanálise. Elas continuam a nos assombrar e maravilhar, tendo se tornado uma espécie de “rocha matriz” na qual muitos analistas confiam, ou a qual contestam, mesmo após o surgimento de outras

1 O autor detém os direitos autorais deste artigo, que é de sua responsabilidade como palestrante do 54º Congresso Internacional de Psicanálise, da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), sob o título *Psicanálise: uma âncora em tempos caóticos*, a ser realizado em Lisboa, Portugal, de 30 de julho a 2 de agosto de 2024, com registro disponível no site www.ipa.world/lisbon.

2 Professor clínico do Departamento de Psiquiatria e Ciências Comportamentais da Universidade da Califórnia em São Francisco e do Programa de Pós-Doutorado em Psicanálise da Universidade de Nova York. Analista didata e supervisor do Centro de Psicanálise de São Francisco e do Instituto Psicanalítico do Norte da Califórnia. Editor emérito de *Psychoanalytic Dialogues*. Autor de *Relationships in development: infancy, intersubjectivity, attachment* (traduções em italiano, espanhol, coreano e ucraniano). Coeditor de *Infant and early childhood mental health: core concepts and clinical practice*, publicado pela American Psychiatric Press.

teorias – sobre relações objetais, intersubjetividade, linguagem, representação, cultura. Proponho que sexualidade e agressividade não sejam os motivos inatos fundacionais, nem as fontes primárias e autorrenováveis do tumulto psíquico – inconscientemente ou não. Na lactância e na infância, é o trauma – ou o prototrauma – que faz com que o sexo e a agressividade pareçam vir de outro lugar, mas este não é um fenômeno rotineiro. De modo geral, essa perspectiva faz com que a visão analítica da lactância e da infância se incline em direção às influências ambientais e para longe das forças endógenas.

Isso também implica que a ênfase na sexualidade endógena e na agressividade destrutiva é uma generalização exagerada, baseada em relatos retrospectivos da infância extraídos de construções e lembranças de pessoas que buscam ajuda por terem um passado conturbado – agudo ou crônico, moderado ou grave. Trata-se de um tipo de “falácia retrospectiva”. Mas questiono essa equivalência tradicional entre lactância, “primitividade” e estados psicóticos. Construímos modelos teóricos gerais a partir do que chamamos de “psicopatologia” por nossa conta e risco.

Isso não significa que devamos deixar de lado ideias centrais sobre o inconsciente, o processo primário, a transferência e a autonomia radical do mundo interior. Nem que precisemos abrir mão de nosso interesse pela sexualidade e agressividade. Mas *estou* contestando seu status como “causas primeiras”, pois podem levar tanto a teoria como a prática a uma abordagem reducionista e linear. (Isso talvez fique mais evidente em conferências sobre casos clínicos, nas quais os participantes – e, em especial, nossos colegas mais jovens – se apressam a declarar o que o paciente “realmente quis dizer” ou conjecturam histórias que “explicam” o quadro clínico.) Seria melhor considerarmos uma perspectiva multitemática de estrutura, conteúdo, desenvolvimento e motivações da psique – afeto, proteção, desejo, atividade, vitalidade, cooperação, busca do objeto e muito mais, com a agressividade e a sexualidade sendo parte desse pacote. Dada a sua forma personalizada, detalhista e profunda de investigação e intervenção, a psicanálise é primorosamente adequada para lidar com essas complexidades.

Uma observação sobre a teoria

Há, portanto, muito em jogo em nossas escolhas teóricas. Uma teoria molda as “decisões” clínicas momento a momento, quase sempre de forma implícita. Analistas que adotam teorias diferentes veem “pacientes diferentes” e os tratam de modo diferente: um psicólogo do self talvez veja a raiva como uma resposta à falha empática; um kleiniano poderá notar a irrupção de uma pulsão destrutiva. As reações dos analisandos que parecem confirmar

tais escolhas habituais podem muito bem ser reflexo de sua aquiescência e de outros tipos de transferência, reforçando assim as preconcepções do analista.

Além dessa circularidade, posições teóricas também refletem o caráter pessoal. Uma teoria não é imune a processos inconscientes e recalcitrantes com os quais os analistas estão bem familiarizados – contradição, incoerência, idealização, projeção. A teoria também define e expressa alianças político-institucionais: associar-se a determinados grupos teóricos pode trazer recompensas concretas – pertencimento, oportunidades de ensino, encaminhamentos. E como nos proporcionam orientação e identidades, as teorias refletem e criam atritos e coações. Nossas controvérsias teóricas são passionais e impulsivas. Em seus extremos, assemelham-se ao sectarismo religioso.

Por outro lado, a psicanálise oferece recursos para sua própria autorreflexão, diminuindo a rigidez, favorecendo a flexibilidade e a inclusão, abrindo as coisas. A maioria das teorias analíticas pode ser bastante útil, mas nenhuma é completa em si. Isso é da natureza do campo psicanalítico, construído a partir da premissa de que conclusões aparentes são parciais e o inconsciente permanece opaco para nós. Idealmente, isso deveria favorecer o ceticismo criativo e a liberdade mental. Nós nos saímos melhor quando adotamos métodos diferentes para dar sentido ao que vemos, seja dentro de nossa “grande tenda” analítica, seja em campos adjacentes. Talvez devêssemos pensar mais sobre o que podemos importar, e não apenas sobre o que oferecemos.

A metáfora do bebê e a sexualidade infantil

As teorias analíticas apresentam e se baseiam em imagens variadas de bebês e do infantil – “metáforas do bebê” que reforçam suposições metapsicológicas, como observou Stephen Mitchell (1988). Os bebês são considerados os indivíduos mais próximos do estado “original” da natureza humana, e as teorias analíticas tendem a considerar que o que vem primeiro é mais essencial, existencial e biologicamente: o bebê da psicologia do ego que se adapta entre as pulsões e a realidade externa; o bebê kleiniano nas garras de ansiedades sobre a destrutividade inata; o bebê winnicottiano orientado por relações subjetivo-ambientais primárias; o bebê de Erik Erikson imerso na cultura; o bebê de Bion projetando experiências primitivas em um entorno transformador que o contém; o “bebê relacional” buscando contato social, segurança e reciprocidade; o bebê laplanchiano enredado no enigma das sexualidades de seus cuidadores.

Com a “metáfora do bebê”, Freud articulou sua visão da pulsão sexual como primária. Em seus visionários *Três ensaios* (1905/1953), ele animou a infância por meio de uma narrativa de desenvolvimento, traçando o progresso

da peremptória e disruptiva premência de descarga da libido nos estágios oral, anal e “fálico”; sua atenuação durante o período de latência; e seu ressurgimento sob a nova forma genital na puberdade. O “bebê freudiano” é tomado por pressões instintuais; a psique infantil, fundada no corpo, é desorganizada ao longo do processo e do narcisismo primários, enquanto a lactância se torna análoga a “primitividade”, psicose e outros estados regressivos e, por vezes, ao id caótico. Esta permanece sendo a orientação essencial, particularmente quando entrelaçada com os conceitos de trauma, regressão e fixação.

Freud elaborou sua teoria sobre a fantasia na sexualidade nos *Três ensaios*, distanciando-se da teoria da sedução, que dedicava mais atenção ao trauma em si e à influência ambiental. As pulsões instintuais universais endógenas são colocadas no cerne da psicopatologia, do desenvolvimento e do inconsciente. Eventos reais são subsumidos à pulsão sexual – o que muitos criticaram como uma espécie de “acobertamento” do abuso sexual, particularmente no caso de mulheres e meninas, visto que internaliza a fonte de seus problemas e menoscaba o que foi feito a elas. Além disso, como o complexo de Édipo assumiu o papel central, o “pré-edípico” foi chutado para escanteio, tornando-se basicamente um lugar ao qual regredir.

No entanto, com o surgimento de uma perspectiva psicanalítica do desenvolvimento mais robusta e o interesse se voltando para uma psicopatologia mais básica e para os primeiros anos de vida, a diáde e o ambiente de cuidados iniciais se tornaram uma preocupação central. A maioria daqueles que observaram diretamente o relacionamento entre pais e bebês – incluindo analistas como Bowlby, Stern, Robert Emde, Louis Sander e Winnicott (que teria atendido cerca de 10 mil crianças em sua prática pediátrica) – não relata uma preponderância da sexualidade infantil, nem uma destrutividade inata ou outras manifestações de um impulso agressivo.

Há, portanto, um dilema para a teoria analítica aqui. Esses observadores de bebês não veem o que Freud viu, e ele mesmo não viu muitas dessas crianças sobre as quais generalizou – a vinheta do *fort-da* e o caso do pequeno Hans sendo os únicos exemplos de nota (embora Freud não tenha realmente atendido o pequeno Hans). Freud valeu-se principalmente das inferências retrospectivas de seus pacientes adultos e de sua própria autoanálise para entender e universalizar seu modelo de instinto sexual.

Os observadores analíticos de crianças apresentam uma versão diferente da lactância – e, consequentemente, do infantil. Quando se considera o ambiente, a maioria dos bebês não parece assim tão angustiada e segue diversos rumos para o prazer e a satisfação – sendo que apenas alguns deles envolvem tensão ou a redução desta. O “bebê observado” organiza e é organizado reciprocamente por meio de relacionamentos estáveis e constantes com outras pessoas, influenciando e reagindo aos cuidadores de diversas maneiras:

vocalização, receptividade e atividade sensório-motora, afetos, protorrepre-sentação – tudo inter-relacionado com apetites e necessidades, inclusive de proteção e de contato humano. A maioria dos bebês são comunicadores competentes desde o início; por exemplo, há poucos gestos humanos tão evocativos quanto o choro de um bebê, e poucas respostas tão comoventes quanto o conforto proporcionado pelos pais que o abraçam nessa situação. Esse bebê é bastante dependente e imaturo – cognitivamente, motoramente, emocionalmente –, mas não é nem primitivo, nem passivo, nem tem vestígios psicóticos. Além disso, embora os bebês sejam particularmente vulneráveis à adversidade e ao trauma, e um *certo grau* de adversidade seja inevitável, a maioria deles não é avassalada por isso. Adversidade não é o mesmo que trauma.

Tem-se questionado a relevância para a psicanálise das pesquisas sobre desenvolvimento infantil. Os críticos argumentam que os observadores de crianças naturalizam o que veem e excluem as fantasias inconscientes; que as inferências analíticas sobre a infância são mais profundas, ou pelo menos mais especificamente psicanalíticas; que os bebês não podem ser compreendidos diretamente, pois não têm linguagem verbal, de modo que a inferência retrospectiva é necessária para a verdadeira compreensão. Alguns, como André Green, argumentam que os únicos dados apropriados para a teoria analítica são as psicanálises clínicas ou a própria teoria analítica.

Apesar da pureza atraente dessa posição – e dos riscos do positivismo –, acredito que os benefícios de considerar outras disciplinas sejam maiores que os custos. Existem muitos caminhos pertinentes para o entendimento: a maioria dos pais compreende seus bebês o suficiente para saber o que eles querem e como se sentem, mantendo longos diálogos de vários modos – como fazem, aliás, cônjuges, amantes, parceiros de negócios, lojistas... e analistas.

Reformulando a teoria da sexualidade infantil (e das pulsões)

A imagem do “estágio infantil” tem sido bastante contestada em psicanálise. O próprio Freud empreendeu uma revisão radical em 1920 ao propor os instintos de vida e de morte em *Além do princípio do prazer* (1955). Suas teorias sobre o infantil foram relegadas ou até mesmo descartadas por completo por alguns críticos posteriores, como os intersubjetivistas americanos e os independentes britânicos. Winnicott, por exemplo, aborda a sexualidade principalmente como uma questão de prazer, relação criativa e reprodução, não uma força desestabilizadora. Outros trabalharam para reformar essa teoria, buscando resolver os problemas clínicos e conceituais que ela deixara sem solução. Abordarei aqui três dos mais proeminentes desses esforços: a

psicologia do ego, Melanie Klein e Jean Laplanche. Cada um ofereceu novos e notáveis insights, mas também criou problemas conceituais específicos, o que aponta para as dificuldades intrínsecas de uma teoria da sexualidade infantil.

Psicólogos do ego

O “bebê da psicologia do ego” é movido por instintos “primitivos”, mas é também orientado a se adaptar à realidade externa, alinhando-se com um “instituto de vida” que Freud acabou aceitando. À medida que os psicólogos do ego foram se engajando com disciplinas não analíticas – incluindo a sociologia e a psicologia do desenvolvimento –, motivações como relações sociais e contatos corporais genéricos tornaram-se formas do Eros endógeno, que difere dos sentidos usuais do Eros sexual. De modo similar, a agressividade destrutiva é mantida, mas colocada em um continuum junto com motivos mais construtivos, como “asserção” ou “atividade”. Essas formulações mais inclusivas diferem da visão freudiana da sexualidade e das pulsões como resistentes a – ou mesmo subvertedoras da – realidade e da sociedade comuns. A sexualidade da psicologia do ego é menos sexy.

Alguns defensores dessa versão da teoria das pulsões argumentam que ela cumpre a função teórica necessária de representar o corpo no desenvolvimento e na realidade psíquica. Entretanto, a ideia de que o corpo deva entrar na psique por meio dos instintos é uma postura circular: os corpos interagem com a vida mental diretamente, ao sentirmos nossos próprios movimentos, estímulos, sensações, afetos, necessidades e desejos – inclusive os sentimentos sexuais e destrutivos. Por mais importante que seja, a sexualidade não é a forma básica da experiência corporal. Existe, de fato, um tipo especial de sensualidade na lactância e no cuidado materno. Mas sensualidade não é o mesmo que pulsão, em qualquer uma de suas variadas definições.

Klein

Por sua vez, o “bebê kleiniano” não é, nem de longe, orientado para o mundo externo, e organiza-se por meio de objetos internos e fantasias instintuais primitivas. A teoria original da sexualidade infantil é deixada de lado; a sexualidade *em si* não recebe muita atenção. (Nem o *Dicionário do pensamento kleiniano* [1989], de Hinshelwood, nem o de Spillius et al. [2011] incluem o verbete *sexualidade* ou *Eros*, enquanto há seis registros no *Vocabulário da psicanálise* [1967/1988], de Laplanche e Pontalis.) Assim, a oralidade é comprimida com as demandas e gratificações autopreservantes do instinto de vida, agora incorporado ao fantasmático “seio bom”, mais maternal do que genital.

Contudo, esse seio bom raramente é tomado sem ansiedades primitivas acerca da sua destruição e, desde o início, o instinto de morte impulsiona o pavor existencial iminente. A realidade externa é secundária, e há uma forte analogia entre lactância e psicose. Klein também investigou uma pulsão epistemofílica, a necessidade de saber, que seria mais tarde elaborada por Bion.

Klein transformou a visão psicanalítica da infância, colocando a lactância, a fantasia e as relações objetais internas no centro. Seus insights sobre cisão, identificação projetiva e as posições esquizoparanoide e depressiva são indispensáveis ao trabalho com organizações borderline e psicóticas. No entanto, isso não as torna intrínsecas ao estágio infantil; os bebês não vivem constantemente com algum tipo de psicose normativa. A posição esquizoparanoide não é a forma básica da psique infantil. Na verdade, ela surge em qualquer idade em resposta a influências incontroláveis, como eventos sócio-históricos e configurações culturais como guerra, deslocamento forçado, imigração, pobreza e racismo – e também, é claro, na infância e nas famílias. Ou seja, muitos temas dignos de nota no tratamento de bebês e crianças não podem ser reduzidos ou traduzidos como destrutividade: separação, perda, abuso, descuido e falso reconhecimento em suas múltiplas formas, transmissão de trauma entre gerações, toda sorte de dificuldades parentais, problemas sociais como pobreza, violência doméstica e comunitária, doenças em família e muito mais. A fantasia destrutiva está longe de ser a resposta universal a esses estressores, nem é a principal fonte de organização psicótica borderline.

O retrato kleiniano de um bebê à beira do trauma em meio a ansiedades potencialmente fatais padece de uma “falácia retrospectiva”. Klein antevê um bebê cuja vida psíquica se assemelha à de pacientes perturbados. No entanto, a maioria dos bebês não é atormentada por ansiedades catastróficas. A observação direta, a psicoterapia analítica de pais e bebês e “o que toda mãe sabe” sugerem que a maioria dos bebês não vive assoberbada a maior parte do tempo e é resgatada com relativa rapidez quando isso acontece – na verdade, com tanta rapidez que *angústia e reparo como uma só sequência* se torna algo internalizado desde o princípio.

O Middle Group de analistas britânicos reformulou as inovações de Klein, pondo os relacionamentos e o ambiente acima das pulsões, mudança que também influenciou os kleinianos contemporâneos. Para muitos desses independentes, incluindo Winnicott, fantasia, destruição e sexualidade surgem mais tarde no desenvolvimento, entrelaçadas com outros motivos. Influenciados pelo contato direto com bebês em uma variedade de situações, os independentes consideraram que a falha ambiental é a fonte mais comum de quadros clínicos graves. Por exemplo: bebês que sofreram privação ou abuso costumam ser lânguidos ou distantes, não inconscientemente ansiosos com fantasias destrutivas. Porém, muitos analistas – kleinianos ou não – às vezes presumem que

existe uma relação objetal infantil estruturada, quando na verdade o analisando talvez não tenha nem de longe atingido tal organização. Um de meus pacientes, que havia sido profundamente negligenciado e traumatizado quando criança, mostrou-se inexpressivo e entorpecido em meu retorno das férias. Quando interpretei isso como uma reação contra a raiva e a perda, ele disse que até gostaria de conseguir me odiar, “mas, na verdade, não existe nada aqui”.

Laplanche: sexualidade como enigma, excesso e alteridade

Jean Laplanche vê as origens infantis da sexualidade na incapacidade do bebê de processar e representar as “mensagens enigmáticas” de sua mãe (e outros), as quais emergem da própria sexualidade inconsciente e fantasmática da mãe, subjacentes a seus cuidados cotidianos mais conspícuos de preservação da vida. O resíduo intraduzível dessa “sedução” infantil universal precisará ser cindido e reprimido, constituindo a fantasia, a pulsão sexual e o próprio inconsciente. Laplanche rejeita, portanto, o biologismo de Freud: sexualidade e pulsão surgem do fato existencial da intersubjetividade – a alteridade do outro –, não de algo inato. Ele também modifica a ênfase: da quiescência como o objetivo da pulsão sexual para uma espécie de dialética de excitação e disrupção. As raízes hegeliano-lacanianas de Laplanche ficam aparentes aqui.

Assim, a imaturidade sexual e simbólica do bebê o predispõe a uma experiência prototraumática, levando-o a um tipo de fixação naquilo que excede a representação. Mesmo que na puberdade a pulsão sexual seja transformada em uma forma mais peremptória e genital, seu âmago enigmático persiste no inconsciente. Isso envolve tanto transformação como repetição, capturadas na leitura que Laplanche faz do *après-coup*.

Laplanche abre perspectivas notáveis sobre gênero e sexualidade, o inconsciente, o narcisismo, o reconhecimento e o método psicanalítico. Porém, ao postular uma sedução primária generalizada na infância como a causa primeira da sexualidade, da repressão e do inconsciente, ele também cai na circularidade, pois recorre a uma espécie de acareação meticulosa da teoria freudiana original para confirmá-la. Minha experiência como terapeuta de pais e bebês me leva a crer que a maioria dos bebês não se aflige com a incompreensibilidade da vida inconsciente de seus pais. Quando *há* adversidades que provocam cisões psíquicas, estas assumem formas variadas e resultam em diferentes estruturas psíquicas: a dissociação, por exemplo, talvez seja mais comum na lactância do que a repressão na constituição de um “inconsciente”. Confusão, não reconhecimento, projeções e afetos negativos, abuso e descuido, tudo isso traz desafios psíquicos que vão além do enigma e da sexualidade.

E, na maioria das circunstâncias, há formas de erotismo materno que o bebê acha bastante prazerosas e manejáveis.

Para os laplanchianos contemporâneos, tais observações têm relevância limitada em análise, visto que o sujeito analítico é constituído pelo inconsciente sexual originário, que persiste ao longo de toda a vida. O que é chamado de sexualidade infantil não é, em suma, específico da infância, e sim um relato daquele excesso duradouro e intraduzível que permanece inarticulável e “imaturo” ao longo do tempo. Mas, nesse caso, por que sequer utilizar o termo “infantil”? Ficaria mais claro caracterizar a sexualidade como uma forma psíquica insondável que transcende as palavras.

Com elegância e requinte, Laplanche vira o foco psicanalítico para a teoria psicanalítica em si. Contudo, seu virtuosismo teórico acaba sendo ele próprio uma forma de sedução. A estimulação excessiva e a mistificação são, por certo, um grande desafio na lactância, mas também o são ao longo da vida. Porém, trasladar a incompreensibilidade para a “sexualidade infantil” já é exigir demais da teoria sem resolver seus problemas intrínsecos. Por outro lado, embora Laplanche destaque a inefabilidade e a irredutibilidade da sexualidade, esse movimento acaba reduzindo, ou no mínimo restringindo, nossa visão do sexual. A maravilhosa e pungente variação da sexualidade e do amor emerge de múltiplas fontes: prazer, sensação e outros entusiasmos, volúpia, alívio, júbilo, destruição, intensidade, diferença, curiosidade, gozo, decepção, contato físico, afeição, desejo em todas as suas formas, orgasmo. Embora Laplanche tenha proposto um novo termo – *sexuel* em oposição a *sexual* –, sua teoria não obstante refrata as ambiguidades e inconsistências originais. E começamos a sentir que é tudo reflexo de uma excessiva lealdade a Freud.

A reformulação de Laplanche constitui uma abertura criativa, como as demais tentativas de resgatar a teoria da sexualidade infantil. Mas nenhuma delas resolve os problemas teóricos e, pelo contrário, os restabelecem sob outros formatos. As grandes diferenças entre elas revelam como a imagem do bebê de cada uma acaba refletindo suas concepções, deixando em segundo plano o que pode ser aprendido com bebês de verdade. Faríamos bem em não nos ater demais à teoria da sexualidade infantil e recorrer a ela apenas quando for útil como um ponto de referência, jamais como um princípio universal.

Para onde ir? Como pensar? Em busca de uma cultura analítica aberta, inclusiva e fluida

Sei que estou propondo detrair ideias bastante acalentadas. Quando mencionei a questão em uma reunião da Associação Psicanalítica Americana,

alguém na plateia sussurrou: “Heresia!”. Por outro lado, acredito que muitas rejeições de novas ideias tidas como “não analíticas” tendem a ser tautológicas.

Previsibilidade e tradição aliviam o estresse da prática cotidiana e nos enraízam em nossa história. A análise, no entanto, floresce quando existe uma sensibilidade aberta e agnóstica que reflete a interação clínica dinâmica entre estabilidade e instabilidade – o modo como um fio de significância nos escapa assim que pegamos outro. Freud demonstrou isso vividamente em seu estilo de escrever, e também em sua metapsicologia e prática clínica. Seu gênio literário vicejava em contradições, às vezes resolvidas, às vezes vacilantes, deixando amplo espaço para a imaginação e para novos avanços.

Sem comprometer a inigualável independência de sua mente, Freud recorreu a disciplinas adjacentes de seu tempo ao elaborar suas teorias. Também se mantinha cético quanto a isso, contradizendo-se construtivamente. E previu que avanços científicos poderiam transformar a teoria psicanalítica, antevendo que novas maneiras de ver as coisas e novos tipos de informação esclareceriam e fariam progredir nossos modelos e nos protegeriam de coibições restritivas. Nossas principais ideias são fortes e vastas o suficiente para se adaptarem a mudanças. Neste exato momento, descobertas de muitas disciplinas adjacentes estão convergindo com a psicanálise: sociologia, antropologia, filosofia, estudos do trauma, física, neurociência, teorias de sistemas dinâmicos, estudos críticos e culturais, para não falar nas pesquisas sobre desenvolvimento que mencionei.

Freud, é claro, levava a sério a física linear da dinâmica dos fluidos de seu tempo. Em contraste, a física do século 21 traz incertezas e objetos que podem desaparecer quando são apreendidos. Esse âmbito liminar entre a energia e a matéria, onde a própria natureza do tempo e do espaço é contingente, não difere muito do espaço em que os processos inconscientes e primários emergem para a consciência – o que vale dizer, o campo analítico.

Juntamente com os universos astronômico e subatômico infinitesimal, mentes e consciência talvez sejam os objetos mais elusivos que podemos nomear e começar a compreender. Se conseguirmos evitar os modismos e as exageradas simplificações da neurociência atual, poderemos aprender com ela, enraizada na inconcebível complexidade dos 170 bilhões de células do cérebro. Neurocientistas cognitivos mostraram que a maior parte das atividades mentais não é consciente: o conceito de processamento mental implícito nos ajuda a compreender como sabemos e fazemos coisas fora da esfera cognitiva, confirmando e expandindo teorias analíticas sobre o inconsciente, relações objetivas internas, trauma e transferência. Imagens do funcionamento cerebral e estudos longitudinais demonstram que nossas primeiras experiências são as mais influentes e que o trauma tem um efeito decisivo sobre a personalidade, a psicopatogênese e nossa saúde e vida econômica futuras.

Pesquisas sobre afetos alinham-se com a ênfase analítica na ansiedade e nas emoções em geral, tanto antes como além da linguagem, ilustrando as intrincadas interconexões entre corpo, cérebro e mente, e o modo como traumas podem provocar a disrupção desses vínculos.

Dinâmicas históricas, socioculturais e raciais também moldam e expressam a maneira como a mente é estruturada. Estudos culturais – incluindo teorias feministas e queer, pesquisas climáticas e investigações midiáticas – ajudam a iluminar isso e, neste momento urgente, nos oferecem um entendimento útil da ascensão do autoritarismo, do racismo e da xenofobia, como se vê nos outros temas discutidos em nosso congresso. A teoria dos sistemas dinâmicos não lineares revela-nos as formas imprevisíveis e inesperadas pelas quais sistemas complexos se organizam – sejam biológicos, econômicos, neurológicos ou psicológicos. Tal como a análise, essa teoria trata a desordem de uma perspectiva sistemática.

Dito isso, a psicanálise deve permanecer um bastião contra o cientificismo, as falsas equivalências mente-cérebro e o apagamento hiperativo da tradição, que com demasiada frequência se tornaram nossa moeda de troca, especialmente nos Estados Unidos.

A psicanálise surgiu em um momento histórico em que as ordens vigentes estavam se desintegrando, com o declínio dos impérios, a conflagração de guerras, o colonialismo e o preconceito étnico, o surgimento de novas formas de tirania e as transformações radicais das economias, mídias e expressões estéticas e sexuais. Talvez algumas das fixidez de nossas teorias tenham sido bastiões contra as fluências e confluências caóticas que permeiam nossos consultórios todos os dias, para não falar daquelas no mundo à nossa volta, que são ainda menos contidas e ameaçam se tornar ainda mais catastróficas. Assim como nossos analisandos – e, na verdade, como qualquer ser humano – precisamos de algo a que nos agarrar. Mas, paradoxalmente, se nos agarrarmos com menos afinho, tudo pode se tornar mais fácil.

Em *O passageiro* (2022), o romancista americano Cormac McCarthy tece o seguinte comentário sobre teorias, na voz de uma jovem brilhante, uma gênica matemática. Concluirei com essa passagem, que acredito ser psicanalítica além da psicanálise:

O que a gente escreve se torna fixo, assume as limitações de qualquer entidade tangível. Desaba numa realidade diversa do âmbito da sua criação. ... Se a gente para a fim de estudar a direção, tem que pagar um preço. ... Mas às vezes tem a sensação de que seria bom dar um tempo. Ser paciente. Ter um pouco de fé. O que a gente quer ver é o que a própria conjectura vai desenterrar do lodaçal. ... As ideias chegam com um ceticismo inato, não vão tocando a toda para a frente. E essas dúvidas têm origem no mesmo mundo da ideia. E não temos acesso de verdade a esse

mundo. ... Uma vez que determinada conjectura ... seja formalizada numa teoria, ela pode ter algum brilho. Entretanto, com raras exceções, não se pode mais manter a ilusão de que contenha algum insight profundo sobre o núcleo da realidade. Na verdade, ela passa a ter o aspecto de uma ferramenta.

Tradición y cambio en la teoría psicoanalítica: indagaciones sobre lo infantil

Resumen: El autor examina la teorización psicoanalítica tradicional sobre la primera infancia y lo infantil, con especial atención a la sexualidad infantil. Para ello, analiza las teorías de la psicología del yo, de Melanie Klein y de Jean Laplanche. Concluye señalando que todo ser humano necesita algo a lo que aferrarse, pero que, paradójicamente, aferrarse menos a las teorías puede hacerlo todo más fácil.

Palabras clave: teoría psicoanalítica, sexualidad infantil, psicología del yo, Melanie Klein, Jean Laplanche

Tradition and change in psychoanalytic theory: querying the infantile

Abstract: The author examines traditional psychoanalytic theorizing about infancy and the infantile, with particular attention to infantile sexuality. To do this, he considers the theories of ego psychology, Melanie Klein and Jean Laplanche. He concludes by pointing out that every human being needs something to hold on to, but looser holding might, paradoxically, make things easier.

Keywords: psychoanalytic theory, infantile sexuality, ego psychology, Melanie Klein, Jean Laplanche

Tradition et changement dans la théorie psychanalytique : enquêtes sur l'infantile

Résumé : L'auteur examine la théorie psychanalytique traditionnelle sur la petite enfance et l'infantile, avec une attention particulière à la sexualité infantile. Pour ce faire, il considère les théories de la psychologie du moi, de Melanie Klein et de Jean Laplanche. Il conclut en rappelant que tout être humain a besoin de se raccrocher à quelque chose, mais que, paradoxalement, se raccrocher moins aux théories peut rendre les choses plus faciles.

Mots-clés : théorie psychanalytique, sexualité infantile, psychologie du moi, Melanie Klein, Jean Laplanche

Referências

- Freud, S. (1953). Three essays on the theory of sexuality. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 7, pp. 123-246). Hogarth. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1955). Beyond the pleasure principle. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 18, pp. 1-64). Hogarth. (Trabalho original publicado em 1920)
- Hinshelwood, R. D. (1989). *A dictionary of Kleinian thought*. Free Association Books.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1988). *The language of psychoanalysis* (D. Nicholson-Smith, Trad.). Routledge. (Trabalho original publicado em 1967)
- McCarthy, C. (2022). *The passenger*. Vintage. <https://a.co/d/dFyvUTE> [Ed. bras.: McCarthy, C. (2022). *O passageiro* (J. Dauster, Trad.). Alfaguara.]
- Mitchell, S. (1988). The metaphor of the baby. In S. Mitchell, *Relational concepts in psychoanalysis* (pp. 127-150). Harvard University.
- Spillius, E. B., Milton, J., Garvey, P., Couve, C. & Steiner, D. (2011). *The new dictionary of Kleinian thought*. Routledge.

Tradução do inglês: Carlos Malferrari

Recebido em 27/2/2025, aceito em 6/3/2025

Stephen Seligman

stephen.seligman@ucsf.edu

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n2.20